OS TUMULOS

DE

D. AFFONSO HENRIQUES

E DE

D. SANCHO I

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1885

TUMULO D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES

na egreja de Santa Cruz de Coimbra

OS TUMULOS

DE

D. AFFONSO HENRIQUES

E DE

D. SANCHO I

POR

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO

BACHAREL FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
SOCIO EFFECTIVO DO INSTITUTO DA MESMA CIDADE
SOCIO CORRESPONDENTE DA REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1885

OS TUMULOS

DE

D. AFFONSO HENRIQUES

E DE

D. SANCHO I

> Mas sobre todo lo que enriqueció
> L'antigua terra mia, es el thesoro
> Del santo cuerpo de su rey primero,
> Que en un dia venció tanto Rey Moro,
> Quando aquel Rey Mayor le apareció.
>
> Sá de Miranda.

> Se o grande Alexandre se alegrou tanto, quando entrou triumphando em Troia, e lhe fez grandes honras por estar ahi sepultado o forte Achilles, com maior razão é esta Cidade digna de ser mais festejada, e venerada em ter em suas entranhas o grande e santo rei Dom Affonso.
>
> Antonio Coelho Gasco — *Conquista, Antiguidade e Nobreza... de Coimbra.*

I

Na majestosa egreja de Sancta Cruz de Coimbra encontram-se na capella mór, fronteiros um ao outro, os suberbos mausoleus que encerram as cinzas venerandas dos dois primeiros monarchas portuguezes.

Fica da parte do evangelho o de D. Affonso Henriques.

Sentimentos de veneração, respeito e enthusiasmo se apossam de nós ao acharmo-nos juncto das cinzas do famoso heroe de quem bellamente disse Castilho:

«Não nasceu Rei, senão maior do que Rei, como aquelle que de si mesmo havia de brotar a realeza: não tomou do berço a purpura, mas tingiu-lh'a a victoria com sangue de infieis: não achou feito o sceptro, que da sua lança robusta lh'o houve de lavrar sua mesma virtude: não alardeava eras o seu throno, mas estreou-o elle, e no estreal-o lhe imprimiu veneração que ainda hoje dura; throno a que lançou por fundamento o ferro de mais de trinta espadas de reis vencidos, como do ouro de mais de trinta coroas fundiu a sua.»

Os preciosos moimentos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I foram mandados fazer por el-rei D. Manuel, que, tendo visitado as suas antigas sepulturas em 1502, as achou mesquinhas para conterem os restos de tão grandes homens, como foram o fundador da monarchia e o conquistador de Silves.

Tractando de D. Affonso Henriques, diz o seguinte a respeito do seu jazigo o chronista fr. Antonio Brandão:

«Porém a sepultura não respondeu na grandeza á pessoa d'el-rei, nem a seus merecimentos, que a humildade e pouca vaidade dos principes d'aquelles tempos não dava logar a se lhe fazerem os sumptuosos sepulcros, que despois se usaram: e assi permaneceu muitos annos o corpo d'el-rei em uma sepultura humilde, a qual, segundo acho em memorias de Sancta Cruz, se costumava cobrir com um panno honesto até o tempo d'el-rei D. Duarte, que a mandou ornar com um riquissimo docel de seda e ouro. Mais se aventajou o inclyto rei D. Manuel, que passando por Sancta Cruz em o principio de seu reinado, e notando como o sepulcro d'el-rei D. Affonso, e o d'el-rei D. Sancho não respondiam á grandeza de cujos eram, mandou nas paredes da capella-mór d'aquelle mosteiro fabricar dous, de obra singular e sumptuosidade admiravel....»

E bem admiravel é em verdade a obra d'estes mausoleos; e no estylo manuelino porventura se não encontram no paiz outros mais sumptuosos, mais elegantes e mais ricos de lavores mimosos.

Ambos os tumulos são eguaes na sua traça e principaes delineamentos; apenas se differençam nos ornatos mais miudos, que no de D. Affonso são de maior delicadeza e

de mais apurado gosto. Assim, descrevendo um, teremos descripto o outro.

Dois pilares resaltantes, de apparencia conica, guarnecidos da mais variada e mais bella ornamentação, se levantam quasi até á maior altura da parede. As suas bases são enfaixadas, e apresentam grande numero de graciosas saliencias angulares, simlhando um formoso aggregado de cristallisações. Ao passo que vão subindo os pilares, crescem seus ornatos em numero e variedade. Seguem-se logo alguns medalhões com bustos em baixo relevo, a que fazem moldura troncos retorcidos, acompanhados de folhagens de carvalho mui delicadas. Continuam para cima varias ordens de nichos povoados de estatuetas, em cujas bases e baldaquinos se ostentam mimosos lavores e rendilhados. Passada mais de meia altura, vão-se adelgaçando os pilares, terminando por fim em esbeltas e formosas agulhas.

O espaço inferior entre os pilares é occupado por uma grande arca de pedra, na qual está deitada, com a cabeça sobre almofadas e os pés apoiados num leão, a figura majestosa e veneranda do monarcha, vestido de armadura completa, excepto nas mãos, que tem erguidas, e na cabeça, que é cingida por coroa real. O elmo e as manoplas vêem-se pendentes ao lado.

O sarcophago é abrigado por um alto e vistoso arco, em cujos lados e volta têm os olhos muito que admirar, pois que são guarnecidos por lindos festões vasados, entretecidos de ramos de carvalho com seus fructos, e de parras com uvas mui ao natural, e por variadissimos arabescos e bestiães, em cuja execução obrou primores o cinzel ou escopro dos eximios artistas encarregados d'estes trabalhos. O vão do arco é occupado na parte inferior por varias estatuetas mettidas em nichos de bases e coberturas elegantissimas; e na parte superior, correspondente á volta, por cruzes da ordem de Christo e pela esphera armilar, divisas do monarcha venturoso, que ordenou a obra. Por cima do arco, em todo o restante espaço comprehendido pelos pilares, se admira a mais profusa ornamentação de variadas figuras, folhagens, caprichosos frisos, cogulhos, florões e outros delicados lavores. Na parte central avultam as armas portuguezas, encimadas por um elmo e sustentadas por dois anjos.

Todo o mausoleo é feito de alvissima pedra de Ançã.

Segundo diz D. Francisco de Mendanha na descripção do

mosteiro de Sancta Cruz, transcripta por D. Nicolau de Sancta Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes*, liv. VII, cap. XXII, a obra dos tumulos foi executada por mestre Nicolau, João de Ruam e Jaques Loguim, artistas insignes que el-rei mandara vir de França para a reedificação do mosteiro.

No tempo de D. João III ainda os mausoleus eram objecto dos cuidados d'este monarcha, como póde ver-se da seguinte carta, por elle dirigida no anno de 1535 a fr. Braz de Barros, governador e reformador do mosteiro:

Padre frei bras eu elRei vos emuio m.to saudar. eu quero mãdar coreger as sepulturas dos reis ꝗ estam nesa capela moor pera ficarem ẽ mais perfeiçã. E mamdo la mestre nicolaao pera as ver emcomẽdouos que lhas mostres pera ꝗ veja a obra ꝗ se nelas deue fazer e me dar delo emformaçã amriꝗ da mota a fez ẽ euora aos XXIX dias de janro de 1535
Rey
pera o padre frey bras (1).

No tumulo de D. Affonso Henriques está inscripto num tarjão, na face anterior do moimento, o seguinte epitaphio:

ALPHONSO HENRICO I. PORTUGALIAE REGI, REGIO SANGUINE, RELIGIONE ET ARMIS CLARISSIMO, QUI IMPERATORE ALPHONSO CASTELLAE REGE PRO PATRIA, AC VIGINTI POTENTISSIMIS MAURORUM REGIBUS CUM MAXIMIS COPIIS, PARVA MANU, SED FIDE, ANIMOQUE INGENTI DIVERSIS PRAELIIS PRO CHRISTIANI NOMINIS AUGMENTO JUSTA ACIE SUPERATIS: OLYSIPONEM, SANCTARENAM, EBORAM, ALIAQUE QUATUORDECIM MUNITISSIMA OPPIDA ET UNIVERSAM FERE LUSITANIAM AB INFIDELIUM MANU RECUPERANS CHRISTI PECULIO ADJECIT. HOC, ET ALCOBATIAE, PLURAQUE ALIA CAENOBIA EXTRUXIT, DITAVITQUE: NEC REGNO SOLUM POSTERISQUE INSIGNIA CHRISTUM, QUI EI APPARUIT, CRUCIFIXUM REFERENTIA SED CUNCTIS ETIAM MAXIMUM EXEMPLUM RELIQUIT. CUIUS VIRTUS SUIS CONTENTA FACTIS CAETERA EXEQUI NON PATITUR. DE FIDE, DE PATRIA, DE REGNO, DE SUIS BENEMERENTI, PIENTISSIMI HAEREDES HOC SEPULCRUM POSUERE.

OBIIT ANNO DOMINI CIↃCLXXXV. REGNI SUI LXXIII. ET AETATIS XCI. VI. DIE DECEMBRIS.

R. I. P.

---

(1) Collecção de cartas para fr. Braz de Braga Esta importante collecção está inedita. Não se sabe onde pára hoje o original, porém felizmente o sr. Ayres de Campos havia tirado uma copia de grande

A traducção d'este epitaphio é a seguinte:

Ao primeiro Rei de Portugal, D. Affonso Henriques, clarissimo pelo sangue real, religião e armas, o qual, vencidos em varias batalhas o Imperador D. Affonso, Rei de Castella, em defensão do seu reino, e vinte reis mouros poderosissimos acompanhados de grandes exercitos, em augmento da Christandade, e não tendo elle da sua parte mais que poucos soldados e a pureza da Fé e a grandeza de animo de que era dotado, livrou da servidão dos mouros e restituiu á Egreja de Christo Lisboa, Santarem, Evora, e outras quatorze povoações fortissimas. Fundou e dotou liberalmente este mosteiro e o de Alcobaça, e outros muitos. Não só deixou ao reino, e aos seus descendentes, as Armas, em que se representam as Chagas de Christo, o qual lhe appareceu, mas um exemplo maravilhoso. Cuja virtude com suas obras se eguala, e não dá logar a se passar adiante em seus louvores. A este inclyto Principe, tão benemerito da Republica Christã, de sua patria, reino, e de seus vassallos, mandaram seus piedosos Herdeiros levantar este sepulcro. — Falleceu no anno do Senhor de 1185, tendo 73 de seu reinado, e de edade 91, no sexto dia do mez de dezembro. — Descance em paz (1).

Não foi este o primeiro epitaphio que se poz no tumulo de D. Affonso Henriques. D. Timotheo dos Martyres, num seu manuscripto (2) diz o seguinte a pag. 34: «E para

parte d'ella, que hoje possue; e d'esta nos facultou que transcrevessemos a presente carta.

(1) Esta traducção é apresentada por fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, P. 3.ª, liv. 11.º, cap. 38.º Alli accrescenta o douto historiador a seguinte observação: «Neste numero de annos que se dão a el-rei, de reino e vida, se deve advertir que o epitaphio se compoz conforme á opinião da Chronica de Duarte Galvão, que então corria. Nós temos assentado já, como mais provavel, não passar o tempo da vida d'el-rei D. Affonso de setenta e cinco ou setenta e seis annos e meio: e assim o tempo de seu reinado não se estender mais que a cincoenta e sete annos e alguns mezes; pois tomou principio em dia de S. João Bautista do anno do Senhor de 1128, como se pode ver em o que nesta materia deixámos tratado, e veio a fallecer em dezembro do anno de 1185». Vide ácerca d'este ponto a *Historia de Portugal* por A. Herculano (1846), t. 1.º pag. 440 e nota XI.

(2) *Principio, Fundação, Vnião, Reformação, e Progresso dos Mosteyros da Ordem Canonica da Congregação do Real Mosteyro de Santa Cruz da Cidade de Coimbra*. Ácerca d'este curioso livro, vide uma noticia do sr. J. C. Ayres de Campos, seu actual possuidor, no *Boletim de Bibliographia Portugueza* vol. 1.º, n.º 3.

que se não perdesse o epitaphio em verso latino d'aquelles tempos, que estava entalhado e esculpido na sepultura antiga do valoroso rei D. Affonso Henriques: um curioso conego d'este real mosteiro, por ordem e mandado do serenissimo rei D. Manuel, o escreveu com letras de ouro com seus rasgos, em uma taboa com os quatro disticos a principio, e a pendurou no arco da sepultura nova. Esta taboa ainda hoje está no mesmo logar neste presente anno de 1650 em que isto se escreve, donde se trasladou, e tem já de antiguidade 130 annos, e diz assim:

In laudem Alphonsi primi Portugaliae Regis:
Loquitur Epithaphium

Aurea me quondam legerunt saecula Regis
Henrici sculptum marmorio in tumulo.
Deinde Manuelis venit memorabilis aetas,
Qui Mausoleum hoc struxit iterumque novum
Is me possessa submovit sede per annos,
Successit meo proxima prosa loco.
Hunc postliminio revocatum, collocor, ecce,
Hac tabula pensant, sic mea fata vices.

Epitaphium antiquitus insculptum urnae
Incliti Regis Alphonsi Henrici

Alter Alexander jacet hic, aut Julius alter,
Belliger invictus, splendidus Orbis honor.
Pacis, et armorum cauto moderamine doctus
Alternare vices tempora tuta dedit.
Quid pietas Christi, vel quantum debeat isti,
Ad fidei cultum regna subacta docent.
Post regni fastus fidei moderamine pastus,
In miseros inopes accumulavit opes.
Quod Crucis hic tutor fuerit, nec non Cruce tutus
Ipsius Clypeo Crux clypeata docet.
Vivax Fama, licet tibi tempora longa reserves,
Digna suis meritis dicere nemo potest.

E não diz mais a taboa.»
Fr. Antonio Brandão apresenta tambem na *Monarchia*

Lusitana o antigo epitaphio de D. Affonso, e esta sua traducção:

«Aqui jaz enterrado outro Alexandre, ou Julio Cesar, guerreiro invencivel, honra e lustre do mundo. Segurou os tempos de seu reinado com a maravilhosa variedade e alternação de paz, e guerra. Os reinos que reduziu a poder da Igreja estão mostrando o muito que mereceu á religião Christã e fé de nosso Salvador. Despois de fazer os gastos que convinham á majestade de seu real Estado, enthesourou para os pobres e miseraveis, levado a isso com a suavidade da lei Evangelica. Bem mostra que foi defensor da Cruz de Christo, e defendido por ella, o seu escudo real. em o qual se vê a mesma Cruz repartida em escudos menores. Ainda que a fama costumada a perpetuar accrescente tempos mais dilatados, ninguem haverá que possa dar louvores eguaes a seus merecimentos.»

O epitaphio do tumulo de D. Sancho I é o seguinte:

SANCIUS I. LUSITANIAE REX
II. DIFFICILLIMIS TEMPORIB.
REGNANS, CEU PATRIAE PATER, RE-
GUMQUE EXEMPLAR EGREGIUM
OBIIT ANNO CIↃCCXI. AETAT. LVII.

A versão d'este epitaphio é como se segue:

D. Sancho 1.º, segundo rei de Portugal, pae da patria e illustre modelo dos monarchas, havendo reinado em tempos difficeis, falleceu no anno de 1211, tendo de edade 57.

II

Concluidas as novas sepulturas, quiz el-rei D. Manuel assistir á trasladação dos restos dos seus maiores. No já citado manuscripto de D. Timotheo dos Martyres achamos narrada da seguinte fórma esta pomposa solemnidade:

«No Anno seguinte d'esta eleição, 1520 = em os 16 dias do mes de Julho, estando o Serenissimo Rey Dom Manoel nesta Cidade de Coimbra, veio a este seu real mosteiro á tarde, e mandou abrir as sepulturas antigas dos primeiros dous Reys deste Reyno seus predecessores: Achou o corpo do deuoto Rey Dom Affonso Henriques inteiro, incorrupto,

a carne seca, e a cor palida, e macilenta, mas de aspecto severo que parecia estar vivo = do qual sahia cheiro suavissimo: Tinha vestida huma Garnacha comprida de pano de lam branca, e huma sobrepelis de pano de linho, isto tão inteiro, e são, como se naquella hora lhas vestissem. Era el-Rey de estatura de dés palmos em comprido, e de dous e meio de largo pellos peitos, e a perna que quebrou nas portas de Badajós era mais curta que a outra tres dedos = O senhor Rey Dom Manoel o fes mostrar á nobreza e povo d'esta Cidade, estando iunto delle em pee descarapussado com hum cirio aceso na mão, assistindo com elle todos os Senhores e fidalgos com tochas acesas nas mãos e com elles todos os religiosos Conegos do Convento: e assim como o achou, cantando-lhe primeiro hum responso, o meteo e depositou no sepulcro novo que lhe tinha mandado fazer na capella mór á parte do Evangelho; e no dia seguinte, 17 de Julho pella manham, lhe mandou cantar um officio de deffunctos de nove liçoens com sua Missa beneficiada com toda a solemnidade, e apparato que a cousa em si pedia. Esta memoria deixou escrita João Homem, Cavalleiro fidalgo da Casa delRey Dom Manoel, que com elle se achou presente, e vio tudo com seus olhos» (1).

Do bom estado de conservação em que foi encontrado o cadaver do monarcha dá tambem testimunho o insigne poeta conimbricense Sá de Miranda, quando diz:

Cidade rica do sancto
Corpo do seu rei primeiro,
Qu'inda vimos com espanto
Ha tão pouco tempo inteiro
Dos annos, que podem tanto.

Esta solemnidade vem narrada por D. Nicolau de Sancta Maria na sua *Chronica dos Conegos Regrantes* por modo mui diverso. Não só discrepa quanto ao dia, mez e anno em que se effectuou, pois diz que fôra a 25 de outubro de 1515, mas tambem refere o acto muito mais apparatoso, dizendo que o vencedor de Ourique, revestido com

(1) Este João Homem póde ser o proprio a quem se referem Damião de Goes na *Chronica de D. Manuel,* P. 2.ª, cap. 5.º, e D. Nicolau de Sancta Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes,* Liv. 9.º, cap. 29.º

o manto da ordem d'Aviz, coroado com a corôa real, tendo na mão direita a sua espada e na esquerda o seu escudo, fôra sentado em uma rica cadeira de espaldar de velludo carmezim com franjas de ouro, e que el-rei D. Manuel e mais pessoas presentes lhe beijaram a mão. Julgamos esta uma das muitas passagens em que o chronista faltou á verdade, e temos por mais verisimil a narração de D. Timotheo dos Martyres. Sendo assás notorias a falta de sinceridade e as deturpações e falsidades de muitos documentos produzidos por D. Nicolau de Sancta Maria na sua *Chronica* (1): persuade a boa critica a pôr-se de parte o seu testimunho, quando se lhe contraponha o de outro escriptor cujo credito não seja suspeito.

III

Depois da primeira trasladação de D. Affonso Henriques, duas vezes se abriu a sua sepultura: a primeira em setembro de 1732, a segunda em 23 de outubro de 1832.

A primeira abertura effectuou-se com o fim, segundo se crê, de se observar o estado em que se achava o corpo do monarcha por causa da sua canonisação, de que naquella epocha se tractava com grande empenho. Não podémos alcançar noticias do que então se passou.

---

(1) Criticos mui auctorisados têm accusado a D. Nicolau de falta de sinceridade em muitos pontos da sua obra. Eis o que diz a este respeito o insigne João Pedro Ribeiro, tão competente em assumptos de diplomatica: «... Eu não sou o primeiro, que me atrevo a suspeitar da sua boa fé, e verdade historica; sigo só as pisadas dos seus Domesticos. Já D. Thomaz da Encarnação não duvidou negar-lhe todo o credito acerca do Documento que elle produziu no Liv. IX, Cap. 9.° § 4.° da sua Chronica.....» — *Observações Hist. e Crit.* P. 1.ª, pag. 79. A pag. 81, nota 2, diz: «D. Vicente de Jesus Maria, Conego Regular, e Cartorario que foi neste seculo no Mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra, tomou por empresa o corrigir em varios logares a mesma Chronica da sua Congregação: porém ignoro onde hoje param os seus trabalhos, que julgo serem de tão boa fé, quanto elle reconhecia os defeitos d'aquelle chronista. D. José de Christo, de cujas Memorias, por ordem dos Prelados Maiores, se aproveitou D. Nicolau, ha tradição se queixava, quando sahiu á luz aquella Chronica, das adulterações do mesmo Chronista: o que se poderia verificar pela sua confrontação, pois penso que ainda existem.»

Veja tambem o *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio Francisco da Silva no artigo em que tracta de D. Nicolau de Sancta Maria.

A segunda abertura fez-se por ordem do sr. D. Miguel de Bragança, que, passando por Coimbra, quiz ver os restos venerandos do vencedor de Ourique. D'este solemne acto acha-se noticia circumstanciada em um curioso artigo, inserto na *Gazeta de Lisboa* n.º 268, que passamos a transcrever:

«Coimbra, 23 de Outubro de 1832.

....

«Hoje, Sua Magestade depois do Seu Despacho no Gabinete, foi de tarde mais Suas Altezas Reaes a verem na Igreja do Convento de *Santa Cruz*, o interior do Tumulo do Senhor Rei *D. Affonso Henriques:* hia acompanhado dos Excellentissimos Senhores Duque de *Lafões,* Marquez de *Bellas,* Marquez de *Tancos,* e Conde Barão de *Alvito,* Camarista de Semana, Conde de *S. Lourenço*, Ministro Secretario d'Estado dos Negocios da Guerra, Conde de *Barbacena,* Chefe do Estado Maior General, Brigadeiro *Gorjão,* Quartel Mestre General, Brigadeiro *Povoas,* Ajudante de Ordens de Sua Magestade, Major Conde de *Belmonte,* Ajudante de Campo, e dos mais da mesma Classe Condes de *Soure*, do *Cartaxo,* de *Vianna,* de *Almada*, de *Redondo*, e de *Carvalhaes*, e *D. Bernardo de Almeida* seu irmão, e Officiaes de Ordens Visconde *d'Asseca,* e Tenente *Manoel Correia* seu irmão, Coroneis de Voluntarios Realistas Conde de *Castro Marim*, e Visconde da *Bahia;* e varios Criados da Casa Real: hindo tambem como Viadores de Suas Altezas os Condes de *Camarido,* e de *Cintra:* seguindo o caminho da Universidade pela *Fonte Nova,* e alli concorria immensa gente para Saudar O Augusto Monarcha, que sendo esperado mais Suas Altezas Reaes pelo D. Prior Geral, e Communidade á porta do Convento de *Santa Cruz,* e acompanhado á Igreja, feitas as Orações, Mandou Sua Magestade abrir o Tumulo do Fundador da Monarquia *Portugueza,* repetindo assim este Acto, que pela ultima vez se havia feito pouco mais de hum seculo antes, isto he, em Setembro de 1732, Reinando então em *Portugal* o Senhor Rei *D. João V,* e anteriormente o havia feito tambem o Senhor Rei *D. Manoel.*

«Aberto pois aquelle Deposito precioso dos Restos mortaes do Grande Rei o Senhor *D. Affonso Henriques,* se achou hum pequeno Cofre de madeira de cedro, junto a outro maior, existindo somente no menor alguns restos de ossos pequenos, que indicavam ter sido de algum menino, mas

tudo o mais reduzido a terra ou cinzas; e no segundo Cofre maior, que se achava ainda coberto com hum resto de tella rica de ouro e prata, com franjas desta qualidade, se vio sobre a tampa, que teria 3 e meio até 4 palmos de comprimento, huma chave de ferro a qual tinha sido dourada; e no mesmo hum frasco de vidro faceado, com a baze de 3 pollegadas quadradas, e 7 de altura, rolhado e lacrado, com as Armas Reaes em cima, e huma inscripção em baixo dizendo — Noticia do que se passou em o mez de Setembro de 1732: — tendo este frasco dentro hum embrulho escuro, e com letras, mas pegado ao fundo do vazo, o qual se poz de parte para depois se examinar: tendo logo Sua Magestade dito, que o Selo era das Armas do Senhor Rei *D. João V.* e não do Senhor *D. Manuel* como se dizia.

«Na Presença pois de Sua Magestade, de Suas Altezas Reaes, da Corte, do Estado Maior General, do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de *Coimbra,* D. Fr. *Joaquim da Nazareth*, do D. Prior Geral, e de toda a Communidade de *Santa Cruz,* se proseguiu no exame dos caixões do Tumulo, e se reconheceo com favor da Chronica do Convento, estarem no segundo Cofre os Despojos mortaes da Senhora Rainha de *Portugal, D. Mafalda,* Esposa do primeiro Rei, e por estarem muito arruinadas as madeiras e mesmo os ossos, Ordenou Sua Magestade, que se passassem para melhor Cofre.

«Logo por baixo se achou outro caixão tambem de cedro, e com outra chave como a primeira, e restos de cobertura de tella egualmente de prata e ouro, com xadrez de côres já muito amortecidas. Abrio-se a tampa d'este terceiro Cofre, que teria seis palmos de comprido e nelle se acharam os ossos do Grande Guerreiro, e Rei de *Portugal* o Senhor *D. Affonso Henriques!* A Sua caveira estava inteira, e mostrava ainda todos os dentes no seu logar menos hum; as dimensões do craneo, e mais partes da cabeça eram grandes, e proporcionados os ossos dos braços e pernas, os quaes comparando-se com os da figura superior ao tumulo, se achou perfeitamente coincidirem com as dimensões respectivas, tendo esta figura 10 palmos de comprimento, como refere a Historia haver tido de altura o Heroe, a quem representa vestido de ferro, collocado de costas tendo huma almofada de pedra por travesseiro, e um leão dourado aos pés.

. . . .

«Voltando porém ao exame do frasco, que se havia encontrado no Jazigo, nada alli se poude adeantar, por não se poder tirar o embrulho, que tinha dentro, e Sua Magestade o mandou conduzir pelo Conde de *Redondo* Seu Camarista, quando Se retirou, havendo dado as Suas Ordens ao D. Prior Geral de *Santa Cruz*, para se tornarem a arranjar os Caixões do Real Jazigo, que se havia aberto.

. . . .

«Do Hospital foi sua Magestade visitar o Muzeu, e alli fez extrahir pelo Doutor *Franco*, o que o frasco trazido do Tumulo tinha dentro, e se achou serem duas Escripturas em pergaminho muito destruido, confuzas ou mal legiveis as letras, porque a humidade havia atacado a pelle em que estavam, e se poude perceber, que uma era em *Portuguez*, e de carater de letra moderna, isto he, de pouco mais de hum Seculo; e outra em *Latim*, tambem de igual similhança, sendo provavel explicarem ambas referencias a mais antigos Titulos, quando em Setembro de 1732 se abrio o Tumulo Real, como diz o Letreiro no fundo do vaso; e na Escriptura Latina se poude ver, que fallava da Senhora *D. Thereza*, Mãi do Senhor *D. Affonso Henriques*. (1)

«Os pergaminhos em 3 pedaços foram estendidos pelo Conde de *Soure*, Camarista de Sua Magestade, em duas folhas de papel, para tornarem a ser examinados.»

---

(1) O sr. Figanière, nas suas *Memorias das Rainhas*, mostrou duvidar que effectivamente no tumulo de D. Affonso Henriques estivessem os restos da rainha D. Mafalda, certamente por não ter noticia do documento que acabamos de citar. Na *Breve dissertação sobre o logar da sepultura da rainha D. Mafalda, mulher de el-rei D. Affonso Henriques*, publicada no *Archivo Pittoresco*, vol. V, desfaz completamente o sr. Rodrigues de Gusmão as duvidas apresentadas pelo sr. Figanière a este respeito.

No tempo de D. Manuel foram tambem trasladados para o tumulo de D. Sancho I os restos de sua mulher a rainha D. Dulce e os de D. Constança Sanches, filha natural do mesmo D. Sancho.

Segundo diz D. Timotheo dos Martyres na sua obra já citada, a rainha D. Dulce fallecera em Coimbra em 26 de agosto de 1198, e fôra sepultada no mosteiro de Sancta Cruz. Diz tambem ter sido gravado na face da pedra que cobria a sua sepultura o seguinte epitaphio : *Hic iacet inclita Regina Domna Dulcia E. M. CC. XXXVI.*

Quanto a D. Constança Sanches apresenta o mesmo auctor a pag. 231 da sua obra o seguinte epitaphio, que esteve no seu primitivo

IV

Dissemos que a abertura do tumulo de D. Affonso Henriques em 1732 fôra feita com toda a probabilidade para se examinar o estado dos restos do grande monarcha em ordem á sua canonisação. Datam do tempo de D. João III as primeiras diligencias para se alcançar tal *desideratum*, no que muito se empenharam este rei e os conegos do mosteiro de Santa Cruz.

Nas côrtes de Lisboa de 1641 pediram os povos a el-rei D. João IV mandasse tractar d'este negocio na curia romana.

No tempo de D. João V novamente se intentou alcançar a canonisação de D. Affonso Henriques. O dr. José Pinto Pereira, que muitos annos assistiu na curia por expedicionario regio, imprimiu em Roma no anno de 1728 um livro intitulado *Apparatus Historicus decem continens argumenta*,

---

sepulcro na capella de Sancto Antonio, por ella fundada na antiga egreja do mosteiro:

Constans Sponsa Dei, iacet hic, Constantia dicta,
Quae spe non ficta, firmiter haesit ei.
Sancius hanc genuit primus, Rex Portugalensis,
Laudibus immensis, Regia virgo aluit.
Mundum vitavit ob verne gaudia lucis,
Et se claustravit hujus in aede crucis.
Divitijs tandem multis ditavit eandem,
Quod magis excedit se sibi morte dedit.
Antonio socio, Sanctus Franciscus eidem,
Confirmat fidem, sic ait, ore pio:
Te scito, ne paveas, sedes Regina Polorum,
Ducet in aethereas, virginum que chorum.

D. Constança Sanches foi conega e muitos annos prioreza do mosteiro de S. João das Donas. Falleceu a 8 de agosto de 1269. Encontram-se noticias ácerca d'esta virtuosa senhora no *Agiologio Lusitano*, tom. 4.º, pag. 477 e 482.

Refere ainda D. Timotheo que na sepultura de D. Sancho se encerraram tambem em ataudes separados os ossos de D. Henrique, D. Branca, D. Beringuella e D. Sancha, filhos do mesmo monarcha.

É de notar que D. Branca, senhora de Guadalajara, falleceu em Castella; refere porém Manuel de Faria e Sousa (*Europa Portugueza*, T. 2.º, P. 1.ª, cap. 60) que *fue trasladada a Santa Cruz de Coimbra, porque dignamente tuviesse entierro con sus padres.*

sive non obscura sanctitatis indicia religiosissimi principis D. Alfonsi Henrici, dirigido e dedicado ao papa Bento XIII e a el-rei D. João V.

Finalmente ainda no reinado de D. José se proseguiu neste proposito. No anno de 1753, no dia 6 de julho, se deu principio em Coimbra ao processo da canonisação com ordem e procuração de el-rei, que foram lidas com outros papeis conducentes ao mesmo fim, junto da sepultura de D. Affonso na presença da communidade do mosteiro. Foram entregues estes documentos ao bispo conde D. Miguel da Annunciação, que destinou o dia 11 de julho para se fazer a primeira sessão, como effectivamente se fez, assistindo as communidades religiosas, lentes e doutores da Universidade, etc. No dia 12 celebrou-se segunda sessão (1).

Se mais se proseguiu n'este negocio não nos consta. É certo porém que ficaram infructiferas essas diligencias para se alcançar de Roma a proclamação da santidade do invicto guerreiro, diligencias afervoradas pela grande e tradicional sympathia que sempre tem dedicado á sua memoria a gente portugueza.

Tal sympathia, no dizer de A. Herculano, «torna-se respeitavel, porque tem as raizes n'um affecto dos que mais raros são de encontrar nos povos, a gratidão para com aquelles a quem muito deveram.

«Este affecto nacional chegou a attribuir a Affonso Henriques a aureola dos sanctos e a pretender que Roma desse ao fero conquistador a corôa que pertence á resignação do martyr. Se uma crença de paz e de humildade não consente que Roma lhe conceda essa corôa, outra religião tambem veneranda, a da patria, nos ensina que, ao passarmos pelo pallido e carcomido portal da egreja de Sancta Cruz, vamos saudar as cinzas daquelle homem, sem o qual não existiria hoje a nação portuguesa e, porventura, nem sequer o nome de Portugal.»

---

(1) *Gazeta de Lisboa* de 1753, n.º 31.